



ESPACIO, TIEMPO Y FORMA

AÑO 2020
ISSN 1130-1082
E-ISSN 2340-1370

33

SERIE II HISTORIA ANTIGUA
REVISTA DE LA FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA

UNED



ESPACIO, TIEMPO Y FORMA

AÑO 2020
ISSN 1130-1082
E-ISSN 2340-1370

33

SERIE II HISTORIA ANTIGUA
REVISTA DE LA FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA

<http://dx.doi.org/10.5944/etfi.33.2020>



UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN A DISTANCIA

La revista *Espacio, Tiempo y Forma* (siglas recomendadas: ETF), de la Facultad de Geografía e Historia de la UNED, que inició su publicación el año 1988, está organizada de la siguiente forma:

- SERIE I — Prehistoria y Arqueología
- SERIE II — Historia Antigua
- SERIE III — Historia Medieval
- SERIE IV — Historia Moderna
- SERIE V — Historia Contemporánea
- SERIE VI — Geografía
- SERIE VII — Historia del Arte

Excepcionalmente, algunos volúmenes del año 1988 atienden a la siguiente numeración:

- N.º 1 — Historia Contemporánea
- N.º 2 — Historia del Arte
- N.º 3 — Geografía
- N.º 4 — Historia Moderna

ETF no se solidariza necesariamente con las opiniones expresadas por los autores.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN A DISTANCIA
Madrid, 2020

SERIE II · HISTORIA ANTIGUA N.º 33, 2020

ISSN 1130-1082 · E-ISSN 2340-1370

DEPÓSITO LEGAL
M-21.037-1988

URL
ETF II · HISTORIA ANTIGUA · <http://revistas.uned.es/index.php/ETFII>

DISEÑO Y COMPOSICIÓN
Carmen Chincoa · <http://www.laurisilva.net/cch>

Impreso en España · Printed in Spain



Esta obra está bajo una licencia Creative Commons
Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.

APOSTILAS EPIGRÁFICAS

EPIGRAPHIC APOSTILES

José d'Encarnação¹

Recibido: 21/04/2020 · Aceptado: 17/07/2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.5944/etfi.33.20209.27312>

Resumo

Dá-se a conhecer um manuscrito inédito que relata as circunstâncias de achamento duma ara a *Bormanicus*. Tecem-se considerações acerca da presença do vocábulo *fabrica* em textos epigráficos e a propósito da representação da *ascia*, que se identifica com um instrumento concreto: a enxada do tanoeiro. Apresenta-se uma panorâmica do uso epigráfico do vocábulo *arula*.

Palabras clave

Bormanicus; fabrica; ascia; arula.

Abstract

An inedited notice about the finding of a Roman altar dedicated to *Bormanicus* is given. Is discussed the evidence of the word *fabrica* in Roman epigraphic monuments and also about *ascia*, here identified with a concrete instrument: the cooper's adze. Finally, what we can say about the word *arula* in Roman epigraphic monuments and classic texts.

Keywords

Bormanicus; fabrica; ascia; arula.

1. Universidade de Coimbra. C.e.: jde@fl.uc.pt

1. BORMANICVS

Teve Miguel Ângelo Portela da Silva Caetano a gentileza de me escrever, a 20 de março de 2020, a informar que, nos documentos da sua coleção «cujos originais guardo religiosamente», frisou, tinha «um manuscrito dos muitos papéis escritos pelo Abade de Baçal que tenho em várias pastas».

Em singela folha de papel, esboçara o Abade um desenho e do monumento por ele desenhado dava as seguintes informações (actualiza-se a grafia):

«Esta ara apareceu no sítio chamado «Poço Quente» e também «Banho do Mourisco», na freguesia de S. João das Caldas de Vizela, no mês de Janeiro do ano de 1841. Esta lápide apareceu, arrancando-se um carvalho, no campo de um sujeito chamado por alcunha o Barreiro, junto do sobredito Banho.

Tem d'alto dois palmos e quatro polegadas: faz quatro faces, a da frente tem um palmo de largo no capitel e base um palmo e duas polegadas; e as faces do lado um palmo escasso sem contar base e capitel. Está actualmente no pequeno jardim do Illmo. Sr. João Marcelino, lugar da Ponte, na dita freguesia de S. João de Vizela.

A pedra de grão grosseiro, as letras grosseiramente abertas, e em alguns sítios a pedra ressaltada, principalmente no N da última regra, o que faz que o N parece um V.»

Uma caligrafia bem cuidada, a denotar que, embora apontamento à primeira vista sem importância, o achado mereceu do Abade o tratamento adequado.

Trata-se da ara dedicada ao númen que, segundo os Romanos, transmitia à nascente das termas a sua força curativa: *Bormanicus*. A epígrafe diz o seguinte (Figura 1):

MEDAM/VS CAMALI / BORMANI/CO · V(*otum*) · S(*olvit*) · L(*ibens*) · M(*erito*) – estando LI e ANI em nexu.

A divindade foi amplamente estudada por Armando Redentor², *passim* no I volume e com ficha de síntese no nº 35 no II – p. 37-38; pode ver-se também Encarnação³. A razão de novamente aqui se lhe fazer referência prende-se, de modo especial, com a intenção de homenagear, na figura do Abade de Baçal, Padre Francisco Manuel Alves, todos os que nos precederam e souberam compreender de imediato

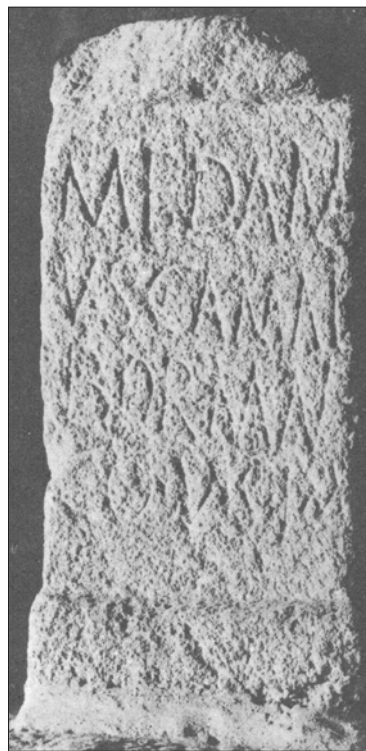


FIGURA 1. INSCRIÇÃO À DIVINDADE *BORMANICUS*. FOTO DE GUILHERME CARDOSO

2. REDENTOR, Armando: *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis) – Percursos pela Sociedade Brácará da Época Romana*, Coimbra: Imprensa da Universidade, Julho de 2017.

3. ENCARNÇÃO, José d': «Viver, filosofar... viver!», in GARCÍA BLANCO, M.J. *et alii* (edit.), *Ἀντίδωρον, Homenaje a Juan José Moralejo*, Santiago: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Santiago, 2011, pp. 165-174.

quanto era importante não apenas registar graficamente, em desenho, o que tinham observado, mas também em pormenor, com nomes dos intervenientes, explanadas as circunstâncias do achamento.

Veja-se como, no desenho do Abade, vem delineado o capitel, sobre o qual Armando Redentor escreveu: «Indícios de *puluilli* flanqueando *foculus* quadrangular, de que tão-só resta troço do esquerdo, superposto a faixa saliente, extensamente danificada na face anterior» (p. 37). Também as medidas dadas – em palmos e polegadas, como era hábito, por não haver régua à mão... – coincidem com as apresentadas por Redentor: [50] x 24 x 19; os «dois palmos e quatro polegadas» equivalem aos 50 cm ora medidos...

Um manuscrito, portanto, a salvar guardar.

2. FABRICA

Houve alguma dificuldade a aceitar, na epígrafe CIL II 5189, a palavra *fabrica* no sentido de ‘monumento sepulcral’, dado ser essa a primeira vez que surgia na epigrafia romana peninsular. Reflexões posteriores⁴ levaram à sua plena aceitação; contudo, poder-se-á, a esse propósito, dar mais desenvolvida conta do que se sabe acerca do uso epigráfico desse vocábulo e seus afins.

Vejam-se, por exemplo, as referências a *fabrica* assinaladas no índice do *corpus* das inscrições de Roma: CIL VI p. 2266.

– A inscrição CIL VI 409, fragmento da placa marmórea referente a *Domitius Severus Alexander*, informa, a dado passo, que *sacerdotes et candidati contulerunt in fabrica templi Iul(ii)*;

– CIL VI 647, de um templo a Silvano, insere a expressão «[...] *voto posuit qui cum ipse in fabricam prior intulerit* [...]», também relacionável com a edificação.

Em contexto funerário, apresentam-se-nos três textos.

O primeiro, CIL VI 10 209, integra-se em ambiente de gladiadores e dá conta de que Apuleia Hermíone terá mandado fazer um túmulo para si e para os seus familiares: [...] *hi sibi fabrica* [...].

O mesmo sentido funerário poderá atribuir-se à frase [...] *libertabusque posterisque eorum fabrica* [...] *instituta fecit* (CIL VI 10 427), que, aliás, Theodor Mommsen também considerou patente na inscrição CIL VI 7652, que desdobrou desta maneira: *si quis sibi hunc locum in omnem fabricam impetraverit aut mortuum ibi posuerit aut ossua mea amoverit, testis deus esto contingat ei quod mi contigit* [...].

E CIL VI 16 265 atesta que alguém *fabricou* um monumento funerário onde igualmente deu guarida às suas libertas e descendentes: *libertatus posterisque eorum se vivo fabricavit*.

Mas, na verdade, o significado tumular só mesmo excepcionalmente e, decerto, por analogia, foi atribuído a esta palavra. Demetrios Kalopo-Thakes, no artigo que

4. ENCARNAÇÃO, José d': «O monumento epigráfico da flaminica Memória Calquísia, de Mértola», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 23 (2020), pp. 93-94.

sobre o termo «fabrica» redigiu para o Dicionário de De Ruggiero⁵, indicou três acepções para o termo:

- a de construção, documentada no já referido texto de CIL VI 647;
- a de sepulcro, que considera detectável em CIL VI 7652, como se viu, e na placa de Mértola exposta em Montemor-o-Novo (CIL II 5189)⁶;
- outra, a mais frequente, de fortificação.

De resto, é no âmbito da administração militar que o termo é mais usado: a *fabrica* é a oficina onde se fazem ou reparam armas para o exército: o *optio fabricae* é quem superintende a uma dessas oficinas; o *collegium fabricae* reúne, em jeito de corporação, os operários, decerto militares, que integram uma legião; no Baixo-império, existe mesmo um *praepositus fabricae*.

É nesse domínio que se situam também os testemunhos aduzidos por Simon James⁷, na sua maioria relativos a epitáfios de *fabricenses*, os operários das manufacturas de armas do Estado no Baixo-império. Há o *comes fabricarum*, o já referido *v. p. praepositus fabricae*⁸. O contexto militar é, de facto, dominante, como já Camille Julián assinalara, no artigo que sobre *fabrica* escreveu para o *Dictionnaire des Antiquités*⁹:

«Esta palavra, que designa todas as espécies de manufacturas, aplica-se especialmente, na linguagem do Baixo-império, às fábricas de armas do Estado».

3. ASCIA

Reconhece-se que à representação de um motivo decorativo em qualquer suporte que seja podem ser atribuídos dois significados: o real, concreto – uma rosa é uma rosa – e o figurado, simbólico – uma rosa vermelha pode simbolizar ‘amor ardente’. Contudo, nem sempre o artista se preocupa com a cópia real de um objecto ou motivo, mormente se pretende realçar o significado simbólico: um cipreste em representação real ou estilizada é um cipreste, mas pode representar ‘cemitério’.

A capacidade de abstracção artística envereda, amiúde, por representações desgarradas da realidade, ainda que nelas beba inspiração. São geralmente estilizadas as folhas de acanto que embelezam as molduras das placas epigrafadas romanas.

E é justamente nesse quadro da Arqueologia que se colocam interrogações, uma vez que o arqueólogo, na sua preocupação de palpar a realidade, gosta de identificar os objectos gravados na pedra ou no metal, embora saiba que, por detrás dessa representação, há a pessoa que a escolheu e fez questão de a usar. Uma pedra de

5. RUGGIERO, E. de: *Dizionario Epigrafico di Antichità Romane*, III, Roma, Tipografia della Real Accademia dei Lincei, 1922, pp. 18-20.

6. CIL II = HÜBNER, E.: *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlin: Academia das Ciências de Berlin, 1869 e 1892.

7. JAMES, Simon: «The fabricae: state arms factories of the late Roman Empire», in COULSTON, J.C. (edit.), *Military Equipment and the Identity of Roman Soldiers*, Oxford: BAR International Series, 1988, pp. 257-331.

8. *Ibidem*, p. 260.

9. DAREMBERG, Charles & SAGLIO, Edmond: *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, Hachette, 1969, pp. 959-961.



FIGURA 2. PEDRA DE ANEL COM FAUNO.
Foto de Guilherme Cardoso



FIGURA 3. ASCIA NUMA EPÍGRAFE DE
RAVENNA. Foto de Bertini

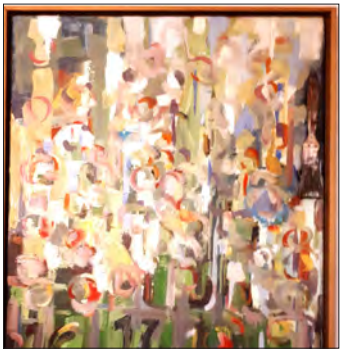


FIGURA 4. TRINCHA DO ARTISTA NO CANTO
SUPERIOR DIREITO DO SEU QUADRO.
Foto de José d'Encarnação

anel com um fauno nela esculpida é uma pedra de anel com um fauno (Figura 2), mas... que velada intenção houve em ostentar no dedo figura mitológica tão... intrigante?!...

Está hoje assente entre os epigrafistas que esculpir uma *ascia* no monumento que tem um epitáfio romano quer significar que ele foi expressamente preparado para quem na epígrafe é mencionado; e que gravar a *ascia* (Figura 3) dá não só a ideia de que para mais ninguém esse túmulo há-de ser como também a de que se não utilizarão para outros os instrumentos nele usados – como o quadro do artista que fez questão em nele colar a trincha com que o pintou (Figura 4). De resto, é justamente dentro dessa panorâmica que perfeitamente se entende a expressão *et sub ascia dedicavit* ou *hoc monumentum sub ascia est*, de tal forma comum em certas regiões do Império Romano, que se cristalizou em siglas: S · A · D¹⁰.

Um símbolo apotropaico!

Afirmou José d'Encarnação¹¹ que a *ascia*, ainda que detenha um significado simbólico, é, no entanto, a representação de um instrumento concreto: a segura, enxó de tanoeiro (Figura 5), instrumento que tem, em francês, a designação de «asse» (como se vê, etimologicamente derivada do latim *ascia*) e se chama de «essette», em flamengo, e «adze», em inglês. Vasić¹² identificou a *ascia* com o «instrumento para trabalhar a madeira, usado para preparar a pira e o sarcófago para os defuntos e, por isso mesmo, considerado a imagem sepulcral de todos conhecida, que constituiria uma ajuda para a derradeira viagem e garante no Além».

A questão põe-se, por conseguinte, em saber por que razão se relacionou a arte do tanoeiro com os túmulos.

A primeira ideia que surge é a das cupas, esse monumento funerário epigrafado, comum em várias partes do mundo romano, que, por exemplo, no *ager Olisiponensis*, se apresenta estilizado (daí, a designação de monumento 'cupiforme') e, no Sul da Lusitânia romana, designadamente no território de *Pax Iulia*, capital do *conventus Pacensis*, assume claramente a forma de pipa (Figura 6).

Não se repetirá aqui, por desnecessário, quanto se tem escrito sobre este tipo de monumento funerário, sobre que houve oportunidade de se reunir, em abril de 2010, em Uncastillo (Aragão, Espanha), por iniciativa da UNED, o I

10. BERTINI, Maria Giovanna: *Il Simbolo dell'Ascia nella Cisalpina Romana*, Faenza, Fratelli Lega Editori, 2006, p. 26 *et passim*.

11. ENCARNAÇÃO, José d': «Sobre a menção de profissões em Epigrafia», *Munda*, 33 (maio 1997), pp. 20-21.

12. Citado por Bertini, o. c., p. 27.

Colóquio de Arqueología e Historia Antigua de Los Bañales, subordinado, precisamente, ao tema «Las cupas hispanas – Orígen, difusión, uso, tipología»¹³.

Poderá dizer-se, no entanto, que se deixou já de parte a ideia de Deonna¹⁴, que a relacionou com o culto a Diónisos; que também se não aceita a sugestão de Scarlat Lambrino, segundo o qual o tonel, testemunho do culto a *Endovellicus* – *Sucellus*¹⁵, simbolizaria a «bebida sagrada de que o defunto se inebriaria no Além», convicção retomada por Robert Étienne na obra que assinou com Françoise Mayet a propósito do vinho hispânico¹⁶.

Também neste caso, o túmulo pretende ser, simplesmente, como opinou José d'Encarnação, a imagem do lar confortável em que muito nos aprazeria viver¹⁷, na sequência do que Georges Fabre sugerira: as cupas são uma miniatura dos grandes túmulos de abóbada cilíndrica, reservados aos mortos das grandes famílias, uma espécie de adaptação desse tipo de monumentos às possibilidades económicas de cada grupo social¹⁸.

- Onde entraria, então, o uso da enxó do tanoeiro?
- Na preparação do caixão!

Não teremos, decerto, uma ideia clara acerca da tipologia desses invólucros últimos do cadáver, em caso de inumação. Essa poderá ser, de facto, uma pista de investigação a sugerir; porventura, uma investigação que já terá sido feita e será interessante verificar se, por exemplo, mormente para um escol social, ser sepultado num caixão de tampa abobadada constituiria um dos melhores desejos da população.



FIGURA 5. UTILIZAÇÃO DA ENXÓ DE TANOEIRO.
Foto de José d'Encarnação



FIGURA 6. UMA CUPA DE PAX IULIA.
Foto de José d'Encarnação

13. ANDREU PINTADO, J. (ed.): *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*, Tudela, Fundación Uncastillo y UNED Tudela, 2012.

14. DEONNA, Waldemar: «Quand Dieu roule ses tonneaux», *Genava*, 24 (1946), pp. 118-124.

15. LAMBRINO, Scarlat: «Le dieu lusitanien Endovellicus», *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, nova série, 15 (1951), p. 168.

16. ÉTIENNE, Robert & MAYET, Françoise: *Le Vin Hispanique*, Paris, De Boccard, 2000, pp. 54-58.

17. ENCARNÇÃO, José d': *Paisagens da Antiguidade*, Lisboa, Apenas Livros, 2009, p. 21.

18. FABRE, Georges: «Un affranchi impérial à Conimbriga», *Revue des Études Anciennes*, 75 (1973), p. 114.

4. ÁRULAS

Difícil será resistir ao fascínio dos pequenos altares votivos destinados a colocar no *lararium* doméstico.

Identificaram-se vários em *Conimbriga*, dedicados a divindades diversas: *Libero Patri*¹⁹, *Genio Conimbricae*, *Fortunae*, *Apollini Augusto*, *Aquiae*, *Laribus Aquitibus*²⁰... No museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, em Lisboa, num desses altares (dimensões: 26,5 x 15 x 9 cm), que fora tido como consagrado a uma estranha divindade de nome *Arus*²¹, acabou por se preferir ler a palavra *arola* (por *arula*), a significar o ex-voto feito a uma divindade que, neste caso como noutros semelhantes, não carecia de ser identificada, na medida em que o ex-voto se destinava a ser posto no local de culto, como tem apontado José d'Encarnação²².

Trata-se, aliás, de um monumento assaz singular (Figura 7). Primeiro, por nele se haver representado, em baixo-relevo, a vítima cuja imolação terá acompanhado a oferta do altar; ou, como sugere Manuela Alves Dias, a representação poderá ter substituído o acto. Depois, porque o *ordinator* «escreveu no borrão de encomenda a palavra *patera*, ou seja, no lado esquerdo da ara devia» o canteiro ter desenhado uma pátera, mas, atendendo às dificuldades do suporte, «para não faltar ao que lhe fora encomendado, viu-se obrigado a escrever a palavra» em vez de esculpir uma pátera²³.

Aproveite-se o ensejo para lembrar que a outra ámula, de calcário, também estudada por Manuela Alves Dias junto a esta²⁴, de dimensões 30 x 13 x 8,5 cm, foi dedicada a Júpiter, devendo, por isso, corrigir-se a leitura dada por Almeida & Moser²⁵, que a haviam considerado um epitáfio. A leitura é: SILVAN/[V]S · PIILI/[C]ONIS / [I]OVI V(*otum*) [S(*olvit*)].

Peliconis (com o E grafado com dois I) não oferece dúvida; é, porém, a primeira vez que este *cognomen* surge na Hispânia, contando-se, a crer em EDCS²⁶, com



FIGURA 7. FACE DIANTEIRA DA ÁRULA DE CASTRO DAIRE. Foto de Guilherme Cardoso

19. ENCARNÇÃO, José d': «O mágico simbolismo de uma ámula conimbricense», *Boletim de Estudos Clássicos*, 58 (2013), pp. 147-151.

20. RIBEIRO, Ana: «Manifestações particulares de devoção: as ámulas de *Conimbriga*», in CARDIM RIBEIRO J. (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 193-199.

21. ENCARNÇÃO, José d': *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Coimbra, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 108-110 e 386, fotos 70 a 72.

22. ENCARNÇÃO, José d': «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia*, 2-3 (1985-1986), pp. 305-310.

23. DIAS, Maria Manuela: «Epigrafia romana», in ARNAUD, J. & FERNANDES, C.: *Construindo a Memória (As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2005, n.º 1216, p. 231.

24. DIAS, o. cit., n.º 1216, p. 231.

25. ALMEIDA, Justino & MOSER, Maria: *As inscrições lusitano-romanas do Museu do Carmo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1993, p. 22, n.º XVI.

26. EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclaus.de/gb/>

apenas um testemunho mais: *Q(uintus) Iulius Pelico Ponpilius [sic]*, numa inscrição funerária achada em El Kharouba (*Africa Proconsularis*): EDCS-25601514, citando CIL VIII 26 408a. Não fora esse exemplo, seríamos tentados a sugerir que houvera distração por parte do lapicida, ao ler a minuta, porque ali poderia ter estado PHI; isso nos permitiria, mantendo a etimologia grega que mesmo *Pelico* aparenta ter, relacioná-lo com o adjectivo θιλικός, «amigável», e também com *Philicus*, decerto a latinização do vocábulo grego, *cognomen* que está documentado.

Voltando ao caso do ex-voto anterior, a árula de Castro Daire (Viseu), importa acrescentar que há também esculpida, na face esquerda, a imagem estilizada de um personagem, de pé, empunhando uma longa lança na vertical, não referida no estudo de 2005. As opiniões dividem-se sobre o seu significado: se o dedicante, se a figuração da divindade. Qualquer das hipóteses resulta aceitável, atribuindo a qualidade guerreira ao númen homenageado ou ao dedicante, uma vez que, atendendo à interpretação dada, nenhum deles está identificado por escrito; no entanto, será mais plausível que se tenha querido representar a divindade.

Dado o carácter grosseiro do conjunto, aceita-se a grafia *arola* (por *arula*), inclusive porque veríamos o uso desse vocábulo mais num contexto urbano que rural. Em todo o caso, apesar desse carácter grosseiro – e até mesmo por isso! – a árula credencia evidente vontade de aceitação de hábitos iconográficos e textuais latinos. Bom testemunho, portanto, duma aculturação incipiente.

Ultrapassa as duas dezenas o número de ocorrências da palavra *arula* recolhidas em EDCS. Citem-se três, a título de exemplo:

- EDCS-24502156 (citando CIL VIII, 23 464, de Mactar - *Africa Proconsularis*): *Minucia Amanda sua pecunia sibi et marito suo arulam in solo suo posuit*;
- EDCS-20600052 (citando CIL VIII 2601, de Lambaesis, na Numídia): o questor *L(ucius) Iul(ius) Crescentian(us)* ofereceu ao Génio protector da sua *schola arulas cum statunculis*;
- EDCS-05101157 (citando CIL V 6000a, de Milão): *Ti(berius) Cutius Epigonus arulas posuit* em memória de vários membros da família.

Inscrições votivas e inscrições funerárias, a atestar o uso epigráfico do termo.

No *Oxford Latin Dictionary*, s. v. «arula», refere-se a ocorrência do vocábulo na inscrição CIL III 6478 (que é EDCS 30600079, da Panónia Superior) e quatro passagens de autores clássicos. É uma delas a do livro 17, secção 77, da *Naturalis Historia*, de Plínio:

Sulco, qui novenarius dicitur, altitudine pedum III, pari latitudine et eo amplius circa positas pedes terni undique e solido adaggerantur. Arulas id vocant in Campania.

Está Plínio a explicar o modo de plantar os ulmeiros e como devem ser feitos os buracos (dimensões e localização) para esse plantio. E conclui: «A isto chamam *arulas* na Campânia».

O Doutor Francisco Oliveira explicou:

«*Arula* é o tufo / montículo de terra semelhante à base de um altar, feito quando se abre o buraco para plantar uma árvore (no caso, o ulmeiro), e à sua volta».

É, porém, já religioso o contexto da passagem de Cícero²⁷ *Item ante hos deos erant arulae quae cuius religionem sacrari significare possent*: diante dessas divindades, havia também áruas, destinadas a provar a todos a santidade do santuário.

5. CONCLUSÃO

É intenção deste ensaio contribuir para a melhor compreensão de monumentos epigráficos já estudados, uma vez que, é sabido, a investigação caminha por fases e deve contar com os contributos de todos os investigadores dedicados ao mesmo domínio de pesquisa.

Com efeito, os horizontes vão-se alargando, mediante novos contactos que se estabelecem, técnicas inovadoras que se introduzem, bases de dados informáticas que a todo o momento, com a leal cooperação de todos, se estão a actualizar.

No campo, por exemplo, da mais eficaz leitura de uma epígrafe, há muito que se deixou de parte o uso do papel mata-borrão (até porque já se não fabrica...) e também o método dicromático se pôs de parte, a fim de dar lugar à possibilidade de imagens tridimensionais ou obtidas com especiais filtros que permitem ver o que, a olho nu, se não vira. As máquinas fotográficas – e até os telemóveis!... – disponibilizam, na actualidade, uma panóplia de oportunidades.

Pode afirmar-se que a ciência epigráfica, mercê dessas novas leituras e interpretações, está a contribuir eficazmente para o estudo da Civilização Romana em todos os seus aspectos. E essa perspectiva nos conforta.

No caso vertente, o conhecimento de singela folha manuscrita por um investigador da 1ª metade do século XX contribuiu não apenas para a história da Epigrafia em Portugal, mas também para se saber com exactidão, através de uma testemunha fidedigna, as circunstâncias do achamento de uma ara à divindade indígena *Bormanicus*.

O facto de, pela primeira vez, se ter encontrado a palavra *fabrica* a identificar um monumento sepulcral na epigrafia romana hispânica levou a interrogarmos acerca do seu real significado e, por extensão, a verificar se haveria outros testemunhos da sua utilização, assim como de vocábulos dela derivados ou com ela relacionados: *praepositus fabricae, fabricenses, fabricare...*

Assente, como está, que a inclusão da *ascia* em monumentos epigráficos romanos detém significado apotropaico, bem patente na expressão *sub ascia dedicavit* ou *posuit*, não fora ainda consciencializado o facto de se tratar da representação de um instrumento concreto: a enxó do tanoeiro. Essa identificação possibilita o relacionamento com os túmulos em forma de pipa, as *cupae*, e suscita a questão: ¿que tipologia poderiam ter os caixões de madeira de tampa abaulada usados, possivelmente, nas cerimónias de inumação?

Por fim, procurou satisfazer-se a curiosidade que o frequente achado de pequenos altares destinados a figurar no *lararium* doméstico ou como ex-votos em santuários

27. *In C. Verrem actio secunda* IV – 5,4.

despertara: ¿será que a palavra *arula* está documentada em textos epigráficos e haverá testemunho do seu uso em textos clássicos? À questão se procurou responder.

Uma apostila – na sua qualidade de ‘comentário de reflexão’ – outras apostilas reclama, porque, para citar um verso do grande poeta espanhol Antonio Machado que sempre temos presente, «al andar se hace camino». Nos estudos epigráficos, o caminho faz-se acompanhado, de mãos dadas com todos os companheiros!

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Justino & MOSER, Maria: *As inscrições lusitano-romanas do Museu do Carmo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1993.
- ANDREU PINTADO, J. (ed.): *Las cupae hispanas: origen, difusión, uso, tipología*, Tudela, Fundación Uncastillo y UNED Tudela, 2012.
- BERTINI, Maria Giovanna: *Il Simbolo dell'Ascia nella Cisalpina Romana*, Faenza, Fratelli Lega Editori, 2006.
- CIL II = HÜBNER, E.: *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim: Academia das Ciências de Berlim, 1869 e 1892.
- DAREMBERG, Charles & SAGLIO, Edmond : *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, Hachette, 1969.
- DEONNA, Waldemar: «*Quand Dieu roule ses tonneaux*», *Genava*, 24 (1946), pp. 118-124.
- DIAS, Maria Manuela: «Epigrafia romana», in ARNAUD, J. & FERNANDES, C.: *Construindo a Memória (As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2005, pp. 220-233.
- EDCS = Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby, acessível em <http://www.manfredclauss.de/gb/>.
- ENCARNAÇÃO, José d': «Omissão dos teónimos em inscrições votivas», *Veleia*, 2-3 (1985-1986), pp. 305-310.
- ENCARNAÇÃO, José d': «Sobre a menção de profissões em Epigrafia», *Munda*, 33 (maio 1997), pp. 19-23.
- ENCARNAÇÃO, José d': *Paisagens da Antiguidade*, Lisboa, Apenas Livros, 2009.
- ENCARNAÇÃO, José d': «Viver, filosofar... viver!», in GARCÍA BLANCO, M.J. *et alii* (edit.), *Ἀντίδωρον, Homenaje a Juan José Moralejo*, Santiago: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Santiago, 2011, pp. 165-174.
- ENCARNAÇÃO, José d': «O mágico simbolismo de uma árula conimbricense», *Boletim de Estudos Clássicos*, 58 (2013), pp. 147-151.
- ENCARNAÇÃO, José d': *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Coimbra, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015. http://www.uc.pt/fluc/iaraq/pub_online/pdfs_online/1975_Divindades.
- ENCARNAÇÃO, José d': «O monumento epigráfico da flamínica Memória Calquísia, de Mértola», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 23 (2020), pp. 89-100.
- ÉTIENNE, Robert & MAYET, Françoise: *Le Vin Hispanique*, Paris, De Boccard, 2000.
- FABRE, Georges: «Un affranchi impérial à Conimbriga», *Revue des Études Anciennes*, 75 (1973), pp. 111-125.
- JAMES, Simon: «The fabricae: state arms factories of the late Roman Empire», in COULSTON, J.C. (edit.), *Military Equipment and the Identity of Roman Soldiers*, Oxford: BAR International Series, 1988, pp. 257-331.
- LAMBRINO, Scarlat: «Le dieu lusitanien Endovellicus», *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, nova série, 15 (1951), pp. 93-146.
- REDENTOR, Armando: *A Cultura Epigráfica no Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis) – Percursos pela Sociedade Brácara da Época Romana*, Coimbra: Imprensa da Universidade, Julho de 2017.

RIBEIRO, Ana: «Manifestações particulares de devoção: as ámulas de *Conimbriga*», in CARDIM RIBEIRO J. (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2002, pp. 193-199.

RUGGIERO, E. de: *Dizionario Epigrafico di Antichità Romane*, III, Roma, Tipografia della Real Accademia dei Lincei, 1922.